

Gado de Corte Divulga

Campo Grande, MS, ago. 2001 nº 48

ISSN 1516-5558

O COURO NÃO É APENAS O ENVOLTÓRIO DO ANIMAL, MAS UMA FONTE DE RENDA QUE O PRODUTOR DEVE EXPLORAR

Alberto Gomes¹

A indústria coureira vem assumindo grande importância dentro da cadeia pecuária bovina. Organizada estrategicamente, ela pode se transformar numa das maiores geradoras de divisas internacionais para o País. Seu potencial é muito superior ao da carne, que faturou US\$ 670 milhões em exportações em 1999, devendo estabilizar-se entre US\$ 1,5 bilhão e US\$ 2,5 bilhões nos próximos anos, enquanto que as exportações de produtos de couro podem ultrapassar, com facilidade, a marca dos US\$ 10 bilhões.

Quanto o produtor ganhará com isto? Para a maioria dos pecuaristas, o couro é apenas um envoltório de proteção dos animais e não lhes confere nenhum lucro ao ser comercializado. Esse é um grande engano.

O couro pode representar uma receita extra ao produtor caso seja produzido com qualidade, e fortalecida uma política de comercialização por meio de associações, parcerias e outras, para reivindicar por melhor remuneração e, com isso, agregar valor ao produto e a sua produção.

O Brasil não tem explorado com eficiência o potencial do setor produtivo do couro, sofrendo, assim, prejuízos econômicos, causados pela exportação do couro bruto. Tais perdas chegam à casa dos US\$ 2,5 bilhões anualmente, sem falar dos 200 mil empregos que deixam de ser gerados.

Se continuar assim, o produtor, que não se preocupa com a qualidade do couro, deixará de receber uma remuneração extra.

A qualidade é que determina a classificação e, conseqüentemente, a valorização do couro. As perdas brasileiras já começam por aí. Segundo esse critério, existem oito níveis de classificação – a oitava são os refugos. Cerca de 85% do couro do Brasil está da terceira categoria em diante. O inverso acontece com o couro norte-americano, que tem 85% de sua produção na primeira categoria e, o restante, entre segunda e terceira. É lógico que, nos EUA (o maior produtor

¹ Méd.-Vet., Ph.D., CRMV-MS Nº 0104, Embrapa Gado de Corte, Rodovia BR 262 km 4, Caixa Postal 154, CEP 79002-970, Campo Grande, MS. Correio eletrônico: gomes@cnpqc.embrapa.br

mundial, com 36 milhões de peles anuais), o gado utilizado é outro, o sistema de criação é diferente e as parasitoses também são outras, mas a economia gira em torno de cifras. Em outras palavras, isso quer dizer que 85% dos couros produzidos no Brasil possuem defeitos. Somente em razão dessas imperfeições, comparativamente aos EUA, os prejuízos anuais são da ordem de US\$ 500 milhões.

Como já citado, para a maioria dos pecuaristas, o couro é apenas um envoltório de proteção dos animais, que não lhes dá lucro ao ser comercializado e, por isso, não há preocupação com a qualidade. No entanto, é comum encontrarem citações de que, ao vender um animal para o abate, o produtor recebe o equivalente a 7% do valor pago pela arroba como sendo pelo couro do animal.

Essa bonificação é muito discutida e, no geral, não aceita pela classe, principalmente, para aqueles que comercializam animais na fase de cria, recria ou para terminação. Esses produtores, ao venderem seus animais, nem sequer citam a qualidade dos couros e muito menos a remuneração a ser recebida por estes. Assim, o couro não entra como um produto de renda durante o processo de criação e venda dos animais. Nessa situação, apenas os pecuaristas que vendem os animais terminados para os frigoríficos receberiam pelo couro.

Como resultado desse raciocínio, não se têm os devidos cuidados com a qualidade dos couros. Conseqüentemente, os curtumes vêm sofrendo com a má-qualidade dos couros bovinos produzidos na região Centro-Oeste, principalmente no Estado de Mato Grosso do Sul.

Dos problemas que contribuem para desqualificar o couro, 60% acontecem ainda dentro das propriedades rurais, onde os principais fatores são representados pelas parasitoses e, dentre estas, o carrapato, o berne e a bicheira, responsáveis por 40% dos danos. Além disso, deve ser incluída a mosca-dos-chifres, pois quando da avaliação acima ainda não existia essa mosca na região. As marcas a fogo (ferro em brasa) na região nobre do couro são responsáveis por mais 10% e os restantes 10% são causados pelo uso de cães e agulhões no manejo com o gado, arame farpado, espinhos e galhadas das invernadas, e da má-conservação de mangueiros e outros.

É comum o pecuarista contratar o transporte dos animais com base no preço e não pela qualidade do veículo. Isto eleva em mais 10% os danos no couro, em consequência das lesões de transporte, porém já fora da propriedade.

Verifica-se, portanto, que 70% dos defeitos encontrados nas peles acontecem ainda quando os animais estão sob responsabilidade do produtor, que poderiam ser evitados, caso houvesse remuneração para tal.

Como o produtor pode exigir bonificação pelo couro se mais de 70% das peles que chegam aos curtumes possuem defeitos tornando-as quase inservíveis? Solução? Só uma: bonificar o criador e o abatedor que fornecerem couro de boa qualidade.

O aumento da qualidade das peles, que resultaria em renda extra para os pecuaristas, poderia ser alcançado com a adoção de um manejo mais cuidadoso com o gado e um controle mais eficiente das parasitoses.

O comportamento do pecuarista em relação à melhoria da qualidade do couro está ocorrendo de forma lenta e gradual, pois já foram verificados avanços significativos no que tange ao manejo dos animais no curral e no pasto. Muitos pecuaristas já não usam cercas de arame farpado ou bastões com pregos na ponta para conduzir o gado e procuram eliminar os galhos de árvores, as plantas com espinhos, as lascas e objetos contundentes das pastagens e instalações. Não obstante, continuam a fazer a tatuagem a fogo e investem pouco no combate aos

ectoparasitos, argumentando que não são remunerados pelo couro de qualidade. Mudanças mais profundas só virão quando o pecuarista se conscientizar de sua posição estratégica na cadeia produtiva da carne e formalizar novas relações comerciais com os frigoríficos. Se o couro for de alta qualidade, o produtor poderá, futuramente, receber um valor praticado internacionalmente e que equivale a 2 ou 3 arrobas a mais na conta final do boi, diz Arnaldo Frizzo Filho, presidente da Baspelco.

Com práticas simples e de baixo custo, o produtor pode mudar o manejo para proteger e agregar valor ao couro dos animais. Por exemplo, não marcar o animal na região nobre do couro, e sim nas áreas determinadas pela Lei nº 4.714/65; utilizar a descorna ou aparar as pontas dos chifres; trocar ou não usar cercas com arame farpado, e sim arame liso ou cerca elétrica; não utilizar cães, agulhões ou ferros pontiagudos para a lida do gado; manter as pastagens limpas. Além disso, sugere-se que contrate as transportadoras pela qualidade dos serviços oferecidos e não pelo preço.

Outra medida efetiva é proceder ao controle profilático, correto e eficiente das parasitoses (carrapato, berne, bicheiras, mosca-dos-chifres e outras), a fim de proteger o couro e os animais.

As condições climáticas da região Centro-Oeste favorecem as parasitoses, principalmente na época das chuvas (primavera e verão), período de maiores picos populacionais. Nesta época, necessitam-se intensificar os tratamentos, caso contrário, a pele de animais abatidos, a partir da primavera, tenderá a apresentar mais lesões de parasitoses do que em outras épocas, e conseqüentemente, receber pior classificação.

Não existe uma fórmula mágica ou um método revolucionário capaz de resolver definitivamente o problema das parasitoses no Brasil, mas sabe-se que uma associação de métodos alternativos e integrados, de acordo com a situação, permite obter excelentes resultados.

O controle das principais parasitoses, atualmente, é feito quase exclusivamente pelo uso de produtos químicos. A aplicação desses produtos é realizada por meio de imersão, pulverização, dorsal (*pour-on* e *spot-on*) ou injetável. Cada método apresenta vantagens e desvantagens e a escolha depende da região geográfica, tipo de criação, manejo, número de animais, entre outros fatores. Para cada produto, devem-se respeitar as recomendações do fabricante, como a concentração, a dose por animal, a carência para o abate e ordenha. Em qualquer dos métodos a ser empregado são fundamentais o período residual do produto, para a determinação dos intervalos de aplicações, e a orientação técnica do médico-veterinário.

O pecuarista pode barganhar o preço caso produza animais com couro de boa qualidade. Mas isso não tem efeito se for realizado de modo isolado. Sozinho, um produtor que possua, por exemplo, 300 a 500 animais não vai influenciar na cadeia produtiva do couro. Entretanto, se houver uma associação de produtores com interesse de melhorar a qualidade do couro, a média final do produto será melhor e, conseqüentemente, maior o poder de barganha.

O produtor pode e deve associar-se às entidades de classe, ao frigorífico, ao curtume, para obter o chamado boi rastreado, isto é, animal com cuidados diferenciados, onde o criador é orientado a respeito de como marcar, fazer o manejo e cuidar das parasitoses. Em geral, esse gado tende a ser o novilho precoce, porque diminuindo seu tempo de vida para alcançar o peso de abate, diminui-se também o tempo de exposição aos fatores que podem comprometer a

qualidade da carne e do couro. A diferença de qualidade com certeza resultará em receita para o produtor .

Hoje, são muito citadas, nos documentos produzidos pela indústria coureira, algumas atitudes que o produtor pode tomar em relação à melhoria do couro, como **“Os 10 Mandamentos para se obter melhor qualidade da carne e do couro de seu gado”**:

- 1 - Nunca fazer cerca com arame farpado. Utilizar somente arame liso ou cerca elétrica.
- 2 - Não usar ferrão pontiagudo e nem cães para o manejo do gado.
- 3 - Manutenção periódica no combate aos ectoparasitos (carrapato, berne, mosca-dos-chifres, sarna e piolho).
- 4 - Manter sempre limpas as pastagens.
- 5 - Vistoriar periodicamente os currais, evitando pontas que possam furar o gado.
- 6 - Fazer marcação do gado nos locais adequados, tais como: cara, pescoço e canela com, no máximo, 11 centímetros de diâmetro.
- 7 - Fazer a descorna do gado.
- 8 - Balancear a alimentação do gado com suplementos minerais.
- 9 - Escolher um veículo adequado para o transporte do rebanho até o frigorífico, evitando carrocerias com pontas de madeira ou pregos.
- 10 - Sempre estar consciente de que “gado bem tratado, produz melhor resultado”.

Os pecuaristas que tiverem dúvidas de como devem tratar o rebanho, principalmente contra as parasitoses, podem buscar orientações técnicas de como fazê-lo, com o médico-veterinário que dá assistência à propriedade ou com os pesquisadores da Embrapa Gado de Corte que têm produzido e publicado diversos trabalhos com resultados de vários anos de pesquisas sobre o assunto.

O sistema correto de criação e de combate às doenças infectocontagiosas e parasitárias, que causam grandes danos aos animais, maximiza os lucros do pecuarista, bem como dos parceiros que compõem os demais segmentos das cadeias produtivas da carne, do leite e do couro.

Tiragem: 100 exemplares

*Ministério da Agricultura
e do Abastecimento*

**Empresa Brasileira de
Pesquisa Agropecuária
Embrapa Gado de Corte**

*Rodovia BR 262, km 4
Caixa Postal 154
Campo Grande, MS
79002-970*

*Telefone (67) 368-2064
Fax (67) 368-2180
sac@cnpgc.embrapa.br
<http://www.cnpgc.embrapa.br>*